

de Gostei. Nelle se encontram ruínas romanas, telhas de rebordo, louça grosseira, etc.

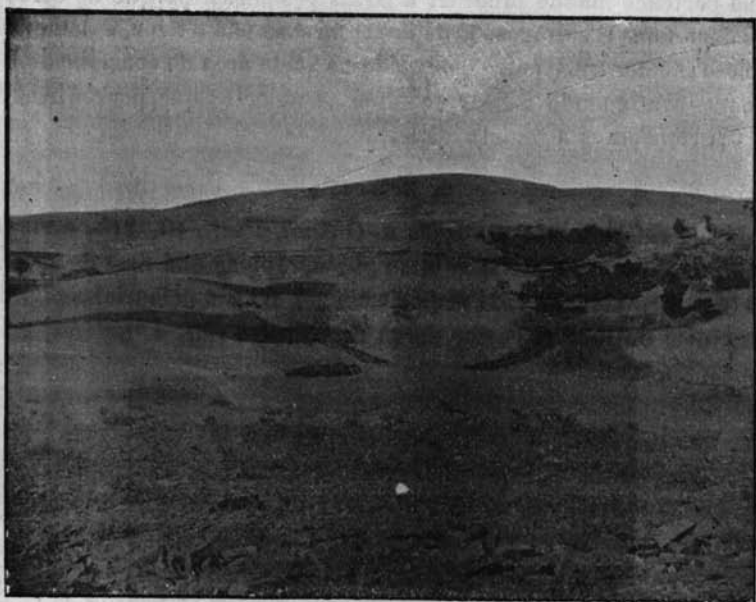


Fig. 5.ª—O castro de N. S.ª da Cabeça, em Nogueira—Visto de Nordeste

É local em que houve uma povoação extinta, do mesmo tempo da que existiu no Castro de Avellãs que lhe fica perto.

Bragança, Março 1907.

ALBINO PEREIRA LOPO.

### O castello de Braga em 1642

Senhor.—Diz Costantino da Cunha Sotto Maior Alcaide Mor da cidade de Bragua, que o Castello da ditta sidade esta muito desbaratado e em rezão do concerto delle tem elle suplicante avizado ao Reuerendo Cabido, da ditta sidade por estar obriguado a Mitara Arcebispal ao conserto delle o que não tem feito nem acodido dando por desculpa o não poder fazer sem licença de V. Mg.<sup>de</sup> e porque a ditta sidade a defença que tem he o dito castello; e os Muros della estarem por terra e muito desbaratados e estar a dita sidade muito convezinha das fronteiras de gualiza, e por lhe o Correr por obriguação do Cargo que tem dar Conta a V. Mag.<sup>de</sup> da ditta denefiquação dos Muros e Castello que estão a sua conta,

Pede a V. Mg.<sup>de</sup> que a Conta do Rendimento do Arcebispado visto ter por obriguação sua consertar o ditto Castello e fortefiquaçam delle Mande V. Mg.<sup>de</sup> ao dito quabido e thezoureiro da Meza Arcebispal dem todo o dinheiro necessario para conserttos do ditto Castello. E R. M.

Senhor.—Presentouisse neste Conselho a petição inclusa de Costantino da Cunha Sotto Mayor Alcayde mor da cidade de Braga, nella refere, que o Castello da dita cidade, esta muito desbaratado, sobre cujo concerto auisou o Reuerendo Cabido da mesma cidade por estar obrigado a Mitra Arcebispal ao concertar, o que não tem feito nem accodido, dando por desculpa que o não poder fazer sem licença de V. Mag.<sup>de</sup> E porque a deffensa que aquella cidade tem he o dito Castello; e os muros della estarem por terra, e muito desbaratados, estando muito conuesinha das fronteiras de Galiza, e por occorrer a elle Alcayde Mor por obriguação de seu cargo dar conta a V. Mag.<sup>de</sup> da dita deneficação Pede a V. Mag.<sup>de</sup> mande ao Cabido, e Thezoureiro da Mesa Arcebispal dem todo o dinheiro necessario para concerto do dito castello, visto ser obriguação sua fazello.

Ao Conselho parece, que V. Mag.<sup>de</sup> deue mandar escreuer ao cabido da see de Braga encarregando lhe procure reedificar o Castello em forma que se ponha em estado deffensauel, applicando para as despesas o dinheiro necessario dos effeitos que lhe parecer que poderá sair mais suavemente. Lisboa a 26 de Setembro de 642.—*Rubricas do Conde de Penaguião e Dom Jorge de Meneses.*

Escreuase ao Cabido que informe do danifcamento que tem o Castello, do reparo que ha mister e quanto custara. Em Lisboa a 27 de setembro de 642—*Rubrica de D. João IV.*

(*Consultas do Conselho de Guerra, Março, 2, n.º 326.*)

*Nota.*—Braga, que se orgulha de ser a *Roma portuguesa*, se tomou os vicios da capital do catholicismo, não lhe tomou as virtudes. Entre estas, uma das primeiras da cidade eterna está no fervor que ali se dedica aos estudos archeologicos e historicos. São bem conhecidos os museus de Roma e as suas riquezas, como são bem conhecidas as preciosidades dos seus archivos, por cima das quaes brilham as do Vaticano, exploradas pelos diplomatistas das regiões que antigamente reconheciam a autoridade do Summo Pontifice com mais ardor ainda que pelos das nações que acatam a sua palavra. Ora Braga, que pretende ser a terceira cidade de Portugal, não possui sequer um museu, e o archivo da Sé, zelosamente guardado pelo cabido, goza da fama de possuir documentos de alta importancia, posto que ainda hoje seja um thesouro de Jasão.

Não admira, portanto, que o castello de Braga convertido em cadeia estivesse recentemente condenado a ser demolido totalmente, o que se não effectuou, devido aos protestos do país, protestos que não puderam porém evitar o mesmo destino ás muralhas d'elle. Quanto os archeologos tiveram no seu começo de lutar pela conservação dos monumentos, até que se incutisse no publico a necessidade da conservação d'elles, mostram as biographias dos mais notaveis cultores do passado. Na noticia que Charles Joret leu na Academia das inscripções e bellas-lettas em março de 1902<sup>1</sup> sobre Arthur de La Borderie lê-se: «Admirateur comme il l'était de ces témoins vénérables du passé, on comprend la douleur qu'éprouvait votre confrère quand il les voyait détruire ou mutiler. Aussi, durant toute sa vie, a-t-il déclaré une guerre inexorable à quiconque portait sur eux une main sacrilège. Dès 1851, n'étant encore qu'élève de l'École des chartes, il poussa un premier cri d'alarme contre «la destruction des monuments historiques».

Trente ans après au Congrès de Redon, il fit entendre, avec l'autorité qui s'attachait maintenant à son nom, de nouvelles et énergiques protestations. Comme l'œuvre de ruine continuait, il résolut d'opposer à ce qu'il appelait le «vandalisme municipal» l'«anti-vandalisme» d'un ami de l'art et du passé de la Bretagne. Le maire de Vannes avait fait ou laissé démolir, malgré des souvenirs historiques qui s'y rettaient, la tour-prison de cette ville; aussitôt votre confrère adressa au *Petit-Breton* une lettre où, avec cette indépendance de parole qui le caractérisait, il poursuivait de ses sarcasmes ce magistrat trop indifférent. C'était en 1886. L'année suivante, d'autres monuments menacés lui firent reprendre plus ardente encore et plus impitoyable sa «Chasse aux vandales. Il faut voir avec quel dédain il traite les *mysocryptes* de Nantes, qui faisaient bon marché de la chapelle souterraine de Saint-Pierre, parce que saint Gohard n'y avait point été martyrisé. «Vraiment, nous nous en doutions, répond-il; la crypte datant seulement de la fin du x<sup>e</sup> siècle et la mort de saint Gohard du milieu du ix<sup>e</sup>. Mais la question n'est pas là. «Et il montre comment, depuis sa fondation, la crypte de la cathédrale nantaise n'avait point cessé d'être un lieu de vénération pour toutes les générations qui s'étaient succédé; comment pouvait-on songer à la détruire? Elle fut conservée.

Moins heureuse fut la porte de Bécherel, que votre confrère ne put défendre à temps, mais qu'il tint au moins à venger. «Il y a deux mois à peine, écrivait-il aussitôt, à l'entrée de Bécherel se dressait fièrement une tour carrée, de bel appareil, flanquée aux angles de deux

<sup>1</sup> Bibliothèque de l'École des Chartes, 1902, p. 189.

contreforts, entre lesquels s'ouvrait une porte surmontée de deux élégantes arcades ogivales. Du Guesclin jadis échoua contre elle; là où Du Guesclin a échoué, M. le maire triomphe». Triste triomphe et surtout pauvre maire, puisque votre confrère l'a voué pour toujours au ridicule. Il n'a pas traité avec une ironie moins méprisante le premier magistrat de Malestroit, coupable non d'avoir détruit, mais d'avoir vendu «une des plus belles verrières de la Bretagne pour 1.000 francs . . . (et) à un Normand. Elle en valait bien 10.000». «Ce maire étonnant, ajoute-t-il avec cette familiarité de style qu'il affecte souvent dans la polémique, a pu, on le voit, saccager du même coup les gloires et les finances de sa commune».

A propria Allemanha, onde as classes superiores são dotadas de instrução bem diversa da das nossas, e onde o sentimento pela antiguidade predomina, ainda ha poucos annos esteve em risco de se perder a *Porta-Nigra* de Tréveros, um dos mais majestosos monumentos do imperio.

Entre nós depois de demonstrado o valor de um monumento, ordenase a demolição, ao passo que na Europa transpirenaica os argumentos calam no animo dos poderes publicos, que protegem *in continenti* a antiguidade.

No que diz respeito a Braga, é esta cidade muito ciosa dos seus direitos, como experimentou Augusto Soromenho quando, ao abrigo da lei de 2 de outubro de 1862, pretendia recolher os antigos documentos da Sé, o que não effectuou em virtude dos tumultos que se levantaram. Lá se conservam completamente desaproveitados hoje, tendo já sido destruidos em tempos remotos muitos d'elles.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### A sorte dos questionarios archeologicos

Como facto do dominio archeologico, desejo archivar em *O Archeologo Português* um questionario precedido da respectiva circular, que em tempo distribui por alguns parochos do concelho em que eu habitava. Era uma tentativa parcial mas que, como tantas outras, sossobrou em presença dos gelos que immobilizam, em materia de antiguidades, todas as iniciativas. Se algumas respostas obtive, foi isso devido a instancias directas e particulares; a simples circular, desabonada da amizade pessoal, não conseguia, apesar das boas razões, fundir a glacial indiferença toda portuguesa dos destinatarios da circular. A molestia